

APONTAMENTOS PARA ESTUDO DOS DISCURSOS SOCIAIS A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA

NOTES FOR THE STUDY OF SOCIAL SPEECHES BASED ON HER-
MENEUTICS CONTRIBUTIONS

*NOTES FOR THE STUDY OF SOCIAL SPEECHES BASED ON HER-
MENEUTICS CONTRIBUTIONS*

Giovandro Marcus Ferreira

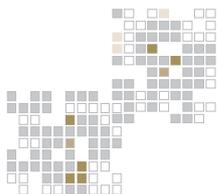
■ Doutor em Ciências da Informação - Mídia pelo Instituto Francês de Imprensa e Comunicação, Universidade de Paris 2 e professor na Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia.

■ E-mail: giovandro.ferreira@gmail.com.

Claudiane de Oliveira Carvalho Sampaio

■ Doutora em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia e professora na Faculdade Social da Bahia.

■ E-mail: cauoliveira@yahoo.com.br.



RESUMO

Neste artigo, buscamos demonstrar como o círculo hermenêutico, proposto por Paul Ricoeur, suplanta as fronteiras impostas pelo círculo semiológico, ao contemplar os elementos intralinguísticos e extralinguísticos constituintes do discurso, ou seja, as suas condições de produção e reconhecimento. Ricoeur, ao assumir o compromisso de desenvolver uma hermenêutica aplicada, deixou pistas para os estudos discursivos, especialmente no que tange aos discursos sociais como constitutivos de matérias significantes heterogêneas (Verón, 1987, 1998, 2004, 2013). O texto vincula o processo de semiotização global do mundo a conceitos da Análise do Discurso (AD), a fim de construir apontamentos para análise dos discursos sociais. PALAVRAS-CHAVE: DISCURSO; SOCIAL; MÍMESIS; SEMIOSE; SENTIDO.

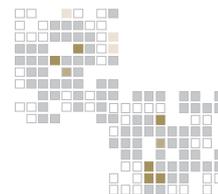
ABSTRACT

This article aims to demonstrate how the hermeneutic circle, proposed by Paul Ricoeur, overcomes the boundaries imposed by the semiological circle, by encompassing intralinguistic and extralinguistic constituents of the speech, that is, its production and recognition conditions. When Ricoeur assumed the commitment to develop applied hermeneutics, he left clues for speech studies, especially concerning social speeches as part of heterogeneous and meaningful features (VERÓN, 1987, 1998, 2004, 2013). The text links the process of global semiotization of the world to concepts of Speech Analysis (AD), in order to construct notes for the analysis of social speeches.

KEYWORDS: SPEECH; SOCIAL; MIMESIS; SEMIOSIS; MEANING

RESUMEN

En este artículo, buscamos demostrar cómo el círculo hermenéutico, propuesto por Paul Ricoeur, suplanta las fronteras impuestas por el círculo semiológico, al contemplar los elementos intralinguísticos y extralinguísticos constituyentes del discurso, o sea, sus condiciones de producción y reconocimiento. En cuanto a los discursos, especialmente en lo que se refiere a los discursos sociales como constitutivos de materias significativas heterogéneas (VERÓN, 1987, 1998, 1998, 2004, 2013), Ricoeur, al asumir el compromiso de desarrollar una hermenéutica aplicada, dejó pistas para los estudios discursivos, especialmente en lo que se refiere a los discursos sociales como constitutivos de materias significativas heterogéneas. El texto vincula el proceso de semiotización global del mundo a conceptos del Análisis del Discurso (AD), a fin de construir apuntes para el análisis de los discursos sociales. PALABRAS CLAVE: DISCURSO; SOCIAL; MÍMESIS; SEMIOSIS; SENTIDO.



1. A tríplice *mímesis* para além do círculo semiológico

“O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição de existência temporal” (Ricoeur, 2010a, p.93). A principal hipótese, elaborada pelo filósofo francês Paul Ricoeur, nos três volumes sobre o *Tempo e a Narrativa*, surgiu da conexão entre as reflexões sobre o tempo, em Santo Agostinho, e a tessitura da intriga, em Aristóteles. Ricoeur propôs reparar duas fissuras: conferir à narratologia um aspecto temporal e oferecer ao tempo uma extensão. Dessa forma, o círculo hermenêutico tenta dissolver a aporia do tempo, tratando da problemática do tempo físico, cronológico, e das indagações em torno da existência de um ser no tempo. As narrativas, enquanto viabilidade de presentificação, de permanente atualização, concedem ao tempo a possibilidade do ser, independente das referências ao passado, projeções para o futuro ou fluidez do presente. Entretanto, narrar não é só atualizar acontecimentos, é também instaurar a tessitura da intriga, agenciar o que parecia solto ou fragmentado. “Compor a intriga já é fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou o verossímil do episódico” (Ricoeur, 2010a, p.74). A intriga, para Aristóteles, é a *mímesis* da ação, cuja ideia é recuperada e refinada por Ricoeur na perspectiva de uma imitação criadora:

Evoco em Aristóteles a célula melódica de uma dupla reflexão, cujo desenvolvimento é tão importante quanto o impulso inicial. Esse desenvolvimento afetará os dois conceitos inspirados em Aristóteles, o de tessitura da intriga (mythos) e o de atividade mimética (mímesis) (Ricoeur, 2010a, p.57).

A função mimética é exercida, de preferência, no campo da ação e de seus valores temporais. Para o autor, a narrativa, entendida enquanto estruturação e não estrutura, comporta três semelhanças miméticas: *mímesis I* (pré-configuração) – é o tempo da ação ou vivido; *mímesis II* (configuração) – é o tempo da invenção, ou armação da intriga e *mímesis III* (re-configuração) – o tempo de leitura, encontro do mundo do texto com o mundo do leitor.

Edificado nas três *mímesis*, o círculo hermenêutico constitui um aporte metodológico para a Análise de Discurso, pois ultrapassa o círculo semiológico, ao contemplar os aspectos extralinguísticos (Ferreira, 1999). Mediante as noções de mundo a configurar, mundo configurado e mundo refigurado, Ricoeur aponta que, na relação entre os interlocutores do ato comunicativo, três dimensões estão dispostas no discurso: a medição do signo, o reconhecimento do outro implicado no ato da interlocução e, por fim, a relação com o mundo também solicitada na visão referencial do discurso. Para Eliseo Verón (1987, 1998, 2004, 2013), o discurso é um lugar de convergência dessas três problemáticas.

Ao desenvolver a sociosemiótica ou a “teoria dos discursos sociais”, Verón buscou transpor as limitações da pragmática, ultrapassando o domínio dos enunciados linguísticos para abarcar os discursos sociais enquanto constitutivos de matérias significantes heterogêneas, como imagens, cores, design gráfico etc. Além disso, a pragmática aborda os enunciados fora de todo e qualquer contexto discursivo e do contexto situacional real, enquanto a sociosemiótica pretende dar conta das condições de produção e de reconhecimento do discurso – os dois polos do sistema produtivo de sentido. Se, para a pragmática, vale o estudo de diversos enunciados e de suas possíveis situações de enunciação,

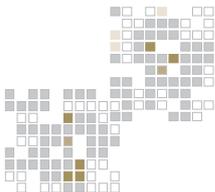
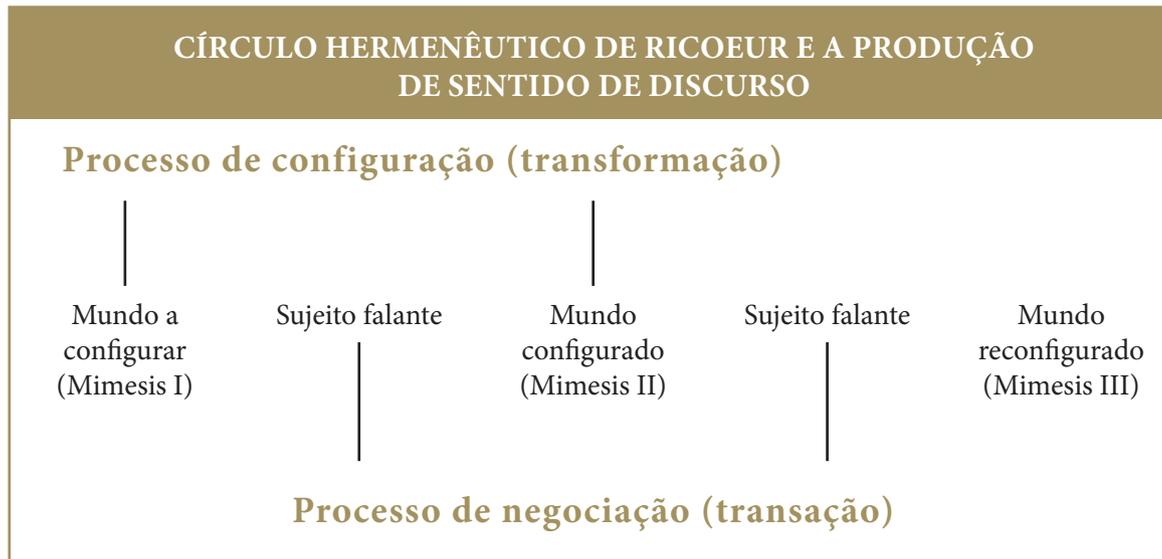


Figura 1 – Círculo hermenêutico de Ricoeur e a produção de sentido de discurso



Fonte: Ferreira, 1999, p.83

a sociosemiótica adota um caminho inverso: “origina-se dos discursos sociais e pretende compreender suas propriedades e seu funcionamento numa sociedade determinada, considerando, também, que seu *status* de objetos sociais determina os restantes níveis de sentido” (Alsiña, 2009, p.21).

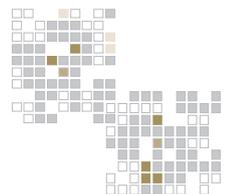
A teoria dos discursos sociais (Verón, 1987) está amparada numa dupla hipótese: toda produção de sentido é necessariamente social e todo fenômeno social é um processo de produção de sentido. Assim, “só no nível da discursividade o sentido manifesta suas determinações sociais e os fenômenos sociais revelam sua dimensão significante” (Verón, 1987, p.126)¹. Em outras palavras, a sociosemiótica, ao abordar a produção, a circulação e o consumo dos discursos, empreende um esforço para estudar a construção do real, pois a realidade social é elaborada na semiose (Braga, 2008)².

1 Tradução nossa para: “sólo en el nivel de la discursividad el sentido manifiesta sus determinaciones sociales y los fenómenos sociales develan su dimensión significante” (Verón, 1987, p.126).

2 Verón observou tal dinâmica analisando, especialmente, os discursos midiáticos.

Ao contemplar as dimensões sociológicas e antropológicas na construção discursiva, o círculo semiológico se torna a *mimesis II*, que é considerada o eixo da análise e assume uma posição intermediária entre as operações das *mimesis I e III*. “Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado” (Ricoeur, 2010a, p.95, grifos do autor). Tendo em vista o processo comunicativo, *mimesis I e III* abarcam, respectivamente, condições de produção e de reconhecimento, e a *mimesis II* é o produto, mundo já configurado.

Por meio das três *mimesis*, o círculo hermenêutico envolve a situação de comunicação e os contratos comunicativos gerados nela e por ela. As noções de mundo a configurar, mundo configurado e mundo refigurado evidenciam o duplo processo que ocorre entre as instâncias de produção e recepção: o processo de transformação ou configuração e o processo de transação ou negociação (Charaudeau, 1995, 2003, 2012; Ferreira, 1997, 1999; Sodré, 2009). O processo de transformação refere-se à configuração discursiva.



siva, ou seja, à transmutação do mundo vivido em mundo narrado; já o processo de transação diz respeito às negociações entre as instâncias de produção e reconhecimento para a elaboração do discurso. Assim, sublinha-se, mais uma vez, a superação do ponto de vista de que o círculo semiológico dá conta da totalidade do processo de significação.

Com as *mímesis*, Ricoeur elabora, conjuntamente, uma teoria do texto e uma teoria da ação, ao demonstrar que o tempo estruturado como narrativa – *récit*, consiste na passagem do tempo do mundo ao tempo do homem. No mais, as articulações miméticas também descrevem a dualidade do signo. “De um lado, ele não é a coisa a qual ele se refere, quer dizer, ele não se metamorfoseia em sua referência, mas, de outro lado, ele invoca o referente, ele é uma “representação” ou “imitação” daquilo a que se refere”. Eis, aqui, o duplo aspecto do signo, sua força e sua fraqueza, “de onde se origina o funcionamento dialético das três *mímesis*” (Ferreira, 1999, p.83).

Escolhemos o círculo hermenêutico de Paul Ricoeur, porque ele envolve a abordagem de elementos extralinguísticos e também intralinguísticos. Essa abertura para além do texto é que provoca a constante remissão à tríplice *mímesis* pela AD, pois o discurso é relacional, ocorre na fricção, conexão e interseção entre o ad extra e o ad intra.

2. A tríplice *mímesis* e a construção do sentido

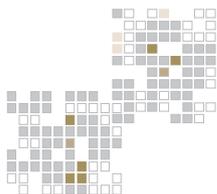
2.1 Das condições de produção ou *mímesis* I

Como já foi visto, para construir a mediação entre tempo e narrativa, Ricoeur lança mão dos três modos miméticos. Esse processo de configuração – tessitura da intriga ou estruturação do discurso – é disparado pela dimensão semântica da ação, entendida como um “quase texto”. A grosso modo, isso implica que, no mundo vivi-

do, as ações são praticadas e recebidas nas margens balizadoras da história, da cultura, de seus valores e padrões. Na interpretação de Ricoeur (2010a): a ação pode ser narrada, porque é simbolicamente mediada, já que está articulada em signos, regras e normas.

A tessitura da intriga (mediação simbólica da ação ou estruturação discursiva) requer da instância de produção uma pré-compreensão do mundo da ação: de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal (Ricoeur, 2010a, p.96). Em resumo, o mundo se torna configurado porque as ações são quase textos e temos delas uma pré-compreensão, guiada por *inteligibilidade, simbolismo e temporalidade*. Essa pré-compreensão só é possível porque há um repertório comungado culturalmente. Se, de um lado, o tempo é configurado a partir da narrativa; por outro, a narrativa se vale sempre de codificações.

A composição da intriga tem sua primeira ancoragem nas estruturas inteligíveis, a partir das quais se distingue o domínio da ação do domínio do movimento físico. O termo ação, aliás, em sentido estrito, remete à dimensão de que aquilo que alguém faz implica objetivos, motivos (Ricoeur, 1989, 2010a), guarda uma intencionalidade e consequências. Assim, reconhecer o agente da ação e suas motivações – “quem” e “para quê” – está no âmbito da inteligibilidade, ou seja, da relação entre a compreensão prática e a compreensão narrativa. “A relação entre inteligência prática e narrativa coloca em evidência o processo de transformação em que o mundo a significar torna-se mundo significado, quer dizer, a coisa apresentada torna-se pela narração a coisa re-presentada” (Ferreira, 1999, p.85). A título de elucidação, a compreensão prática responde questões como: “o quê”, “por quê”, “quem”, “como”, o “com” ou “contra quem” da ação. Compreensão narrativa e compreensão prática assumem, concomitantemente, *rela-*



ções de pressuposição e transformação (Ricoeur, 2010a, p.98).

Para tratar da relação entre a dimensão das ações e a composição narrativa, recorreremos à Linguística, a fim de realizar a comparação com os eixos paradigmático e sintagmático. Nesse ponto de vista, a rede conceitual da ação refere-se à ordem paradigmática e as regras de composição narrativa são da ordem sintagmática. Compreendemos as histórias, porque compreendemos a tradição social e cultural, de onde nascem os tipos de intrigas. Aqui, estão as raízes da explicação para a dupla relação de pressuposição e transformação entre a compreensão prática e a compreensão narrativa. Amiúde, “entender o que é uma narrativa é dominar as regras que governam sua ordem sintagmática” (Ricoeur, 2010a, p.100), que pode ser traduzido como mapeamento das condições de produção discursiva, ou seja, integração e atualização da ordem paradigmática.

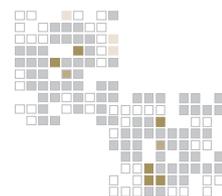
Ao perceber que a narrativa é a instauração de uma ordem sintagmática em relação à ordem paradigmática da rede conceitual da ação, adentramos o terreno das condições de produção. Eis, então, o momento de abordar os agentes da ação. Estes são agentes históricos e culturais e suas atuações, portanto, carregam o legado de circunstâncias que não produziu. Aqui, se pensarmos na perspectiva da produção discursiva, estamos tratando da delimitação dos contextos imediato, institucional e sociocultural amplo, através da atuação dos interlocutores no processo comunicativo. A ponderação de Ricoeur vem a calhar:

Entendemos também que esses agentes agem e sofrem em circunstâncias que eles não produziram e que, no entanto, pertencem ao campo prático, na medida precisamente em que elas circunscrevem a sua intervenção de agentes históricos no curso dos acontecimentos físicos e que oferecem à ação deles ocasiões favoráveis ou desfavoráveis (Ricoeur, 2010a, p.97-8).

A questão dos agentes no processo comunicativo é outro aspecto explicitado pela ancoragem das estruturas inteligíveis na composição narrativa. Ao demarcar os lugares sócio-históricos dos interlocutores, Ricoeur deixa uma fresta para a reflexão de que o discurso se constrói e se sustenta, a partir das representações compartilhadas dos interlocutores. Mas também é, pelo discurso, que essas representações são construídas, mantendo a dinâmica irreversível da semiose ilimitada, social e histórica. No mais, focar nos interlocutores do discurso (ou agentes da composição narrativa) é trazer à cena também as indagações sobre a finalidade deste encontro. Como sabemos, a noção de finalidade é indissociável da interlocução, portanto, falar dos agentes é tratar das motivações para a relação, das intenções presumidas. “Identificar um agente e reconhecer-lhe motivos são operações complementares” (Ricoeur, 2010a, p.97-98).

Vale lembrar, ainda, que o agir pressupõe o outro, solicitação que se estende à tessitura da intriga ou elaboração discursiva. O discurso não é barco lançado em alto mar para ficar à deriva, ele tem endereçamentos e os interlocutores podem estabelecer contatos de cooperação, competição ou luta (Ricoeur, 2010c; Sodré, 2009).

Essas relações descritas e todas as formas de interações sociais são simbolicamente mediadas. O enunciador utiliza o sistema simbólico “em função de”, pode-se dizer “em função da relação com seu auditório, mas, acima de tudo, pela maneira na qual ele se coloca no mundo ou chão social em que está inserido” (Ferreira, 1999, p.85). Em outras palavras, a a o simbólica está relacionada   posi o do sujeito no contexto comunicativo, ou melhor,   sua posi o definida pelas condi es de produ o. Por isso, ressaltamos, mais uma vez, que   preciso ir além dos limites do círculo semiológico, si-



nalizando as conexões entre o “intra” e o “extra” discursivo³.

Para tratar da mediação simbólica, segunda ancoragem da tessitura da intriga, Ricoeur recorre aos cientistas sociais Cassirer e Geertz⁴ para argumentar que: 1) as formas simbólicas são processos culturais, moduladores das experiências e 2) a cultura é pública, porque a significação também o é. Essas reflexões estancam as possibilidades de ver o simbolismo como operação psicológica de caráter individual, para entendê-lo como uma “significação incorporada à ação e passível de ser decifrada nela pelos outros atores do jogo social” (Ricoeur, 2010, p.102). Essa estrutura simbólica, que enquadra e substancia as trocas no ato comunicativo, dá textura ao duplo processo de produção do sentido, ou seja, à transformação e, especialmente, à negociação ou transação – esta última, porque garante a construção discursiva, ou, conforme explicitado antes, comanda a configuração.

A mediação simbólica tem um ordenamento, é estruturada em conjunto e, antes de ser texto, apresenta uma textura. “Compreender um rito é situá-lo num ritual, este num culto e, gradativamente, no conjunto das convenções, das crenças e das instituições que formam a rede simbólica da cultura” (Ricoeur, 2010, p.102). Assim, as ações estão sempre contextualizadas e tem sua primeira legibilidade conferida pelo simbolismo. Afinal de contas, “se podemos falar em ação como um quase texto é na medida em que os símbolos, entendidos como interpretantes, fornecem as regras de significação em função das quais determina-

da conduta pode ser interpretada” (Ricoeur, 2010, p.103).

Os aspectos simbólicos e a inteligibilidade, entretanto, só garantem a pré-compreensão da ação se estiverem conectados à temporalidade, uma vez que a vida cotidiana é organizada numa perspectiva do antes, do agora e de depois, ou seja, presente, passado e futuro.

Antes de seguirmos, vale a consideração de que a *mimesis* I é a pressuposição da *mimesis* II, ou seja, a configuração, a construção discursiva está ancorada nos aspectos de inteligibilidade, simbolismo e temporalidade, já inscritos nas ações, que se apresentam como quase textos. A riqueza da *mimesis* I reside no fato de que representar a ação consiste, em primeiro lugar, em compreender o agir humano. Como afirma Ricoeur: “Resta o fato de que, a despeito do corte que institui, a literatura seria para sempre incompreensível se não viesse configurar o que, na ação humana, já faz figura” (Ricoeur, 2010a, p.112).

O estudo da *mimesis* I nos orienta a observar a situação de comunicação, uma vez que o discurso produz sentido dentro de uma dada situação e o interesse social desse discurso está à mercê das condições de troca entre os interlocutores. Das trocas nascem os contratos e a necessidade de entender as representações sociais dos parceiros envolvidos no acordo.

A *mimesis* I acomoda a análise de algumas preocupações do contrato comunicativo, como identidade dos parceiros, finalidade da troca, aspectos da construção social do acontecimento e restrições do dispositivo (Charaudeau, 2003, 2012). Estes operadores analíticos podem ser acionados nas outras *mimesis*, assim como a *mimesis* I pode ancorar discussões sobre os “modos de dizer”, por exemplo. Esse livre trânsito se justifica pelo fato de que entre as *mimesis* não há fronteiras estanques, pois referem-se a etapas do processo de configura-

3 Essa abordagem justifica a defesa pela interdisciplinaridade compactuada pelos pesquisadores da Análise de Discurso. A fim de abarcar os aspectos internos e externos ao discurso, dialogam entre si a Linguística, a Sociologia, a Antropologia etc.

4 Geertz, Clifford (2008). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC; Cassirer, Ernest (2001). Filosofia das formas simbólicas. Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes.

ção e, portanto, se sobrepõem, se encontram, se cruzam, estão em desenvolvimento.

2.2 Do produto, mundo configurado, ou *mímesis II*

A *mímesis II* trata da sucessão configurada como obra, Ricoeur, nesse estágio, substitui o termo intriga pela expressão “tessitura da intriga”, porque se refere a operações, ao agenciamento dos fatos. Numa posição intermediária, esse modelo mimético tem também uma função mediadora. “Quero entender melhor sua função de mediação entre o antes e o depois da configuração. *Mímesis II* só tem uma posição intermediária porque tem uma função de mediação” (Ricoeur, 2010a, p.113). A mediação se dá entre o extradiscursivo e o intradiscursivo. A dinâmica interna é explorada pela semiologia, que coloca tônica na relação dos sujeitos internos do discurso. Já a dinâmica externa refere-se às marcas da produção deixadas no texto, a capacidade de tornar interno o que, *a priori*, seria externo. Assim, a *mímesis II* é o “espaço de integração ao nível interno e de mediação ao nível externo” (Ferreira, 1999, p.87-88).

Segundo Ricoeur, essa função de mediação é justificada por três motivos: 1) transforma eventos em história contada; 2) une fatores heterogêneos e 3) engendra na história aspectos temporais. O primeiro motivo refere-se à configuração extraída da sucessão; o segundo diz respeito à passagem do paradigmático ao sintagmático e o terceiro, mais explícito, concerne aos caracteres temporais próprios da narrativa (Ricoeur, 2010a). E o filósofo adianta o que entende por narrativa (por uma tessitura da intriga), ao referir-se a uma história que se deixa seguir, permitindo à intriga poder ser traduzida num pensamento, num “tema”.

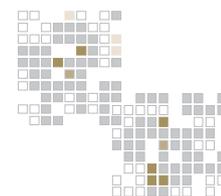
Essa possibilidade da história contada ser traduzida em um “tema” refere-se à primeira mediação da intriga, ou seja, à configuração extraída de uma sucessão. A história é calcada numa totalidade inteligível; é, portanto, o ordenamento em

contrapartida aos acontecimentos enumerados em série. Já a segunda mediação está vinculada à composição, na intriga, de fatores heterogêneos, como agentes, objetivos, meios, interações, circunstâncias, resultados inesperados etc. Aqui, ancora-se a passagem do paradigmático ao sintagmático, ou seja, a transição de *mímesis I* para a *mímesis II* (Ricoeur, 2010a, p.114-5).

A terceira mediação da intriga atrai para si, como uma espécie de imã, as mediações anteriores, quando promove a conexão entre as dimensões cronológica e não cronológica. O tempo narrativo, num viés cronológico, adquire linearidade, comprovada em indagações como: “e então?”, “o que aconteceu depois?”. Na chamada história contada, os episódios são envolvidos numa ordem, cuja sequência também garante sentido à narrativa. Em outras palavras, “da diversidade de acontecimentos, tira-se uma totalidade temporal” (Ricoeur, 2010a, p.116). Já na dimensão não cronológica, ou configurante, a intriga pode ser representada por seu “tema”. Além disso, o “senso de ponto final” realiza um rasgo na infinidade de episódios e incidentes e, finalmente, a história pode ser contada e recontada como uma flecha que sai do passado rumo ao futuro.

As mediações fazem a passagem da *mímesis I* para a *mímesis II* e é nessa transição que nascem os paradigmas, os tipos são diversificados, os gêneros remodelados ou instituídos, as formas testadas. O jogo entre inovação, tradição e sedimentação é constituinte do configurar. Isto porque, a instância produtora “além de não ser sem regras, constitui uma matriz geradora de regras” (Ricoeur, 2010a, p.133).

A tradição é oriunda da sedimentação dos esquemas desenvolvidos nos vários níveis da narrativa, seja na forma da expressão ou na expressão do conteúdo. Os paradigmas se consagram nesse processo social, porque a obra encontra seu leitor, ou, em outros termos, para uma instância de produção há, em correspondência, uma instância de reconhecimento. A mediação entre elas é ga-



rantida pelo discurso, pelo produto. Não podemos esquecer, entretanto, que a tradição se mantém quando é renovada; ela transita entre dois extremos, o polo da sedimentação e o polo da inovação. “O esquematismo da função narrativa se presta a uma tipologia de gênero. Esse esquematismo, por sua vez, constitui-se numa história que tem todas as características de uma tradição, a qual repousa, com efeito, no jogo entre inovação e sedimentação” (Ricoeur, 2010a, p.119). Mas, ao inovar, é possível a traição ao que já está posto, ou seja, e surgimento de novos tipos e gêneros. Afinal de contas, “esses paradigmas, eles mesmos oriundos de uma inovação anterior, fornecem regras para uma experimentação posterior no campo narrativo” (Ricoeur, 2010a, p.121).

Neste ponto do nosso texto, vale destacar que as mesmas mediações ocorridas da *mimesis* I à *mimesis* II alimentam o jogo dialético entre tradição e inovação, conformam paradigmas e apontam para a *mimesis* III. Mais do que a indissociabilidade e a interdependência entre as *mimesis*, aqui, fica acentuada a remissão da *mimesis* II à *mimesis* III, dada pela obra, mas gerenciada pela *mimesis* I. Isso nos leva a inferir que a instância de produção busca, em certa medida, controlar o processo de interpretação.

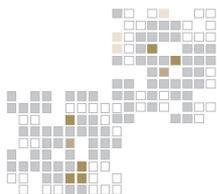
2.3 Do encontro de mundos ou *mimesis* III

Para Ricoeur, a refiguração se projeta em todo o círculo hermenêutico, gerando um movimento em espiral. É a leitura que confere à narrativa um sentido pleno, através da “presentificação”. O texto, então, só se torna obra nesta interação, quando é restituído “ao tempo do agir e do padecer” (Ricoeur, 2010a, p.122-3). E mais: em, última instância, o que se comunica não é o sentido da obra, mas o mundo que ela projeta (Ricoeur, 2010a, 2010b). Neste ponto, o autor retoma sua tese central, exposta nos três tomos de *Tempo e Narrativa*, para salientar que uma temporalidade específica se desdobra na interseção entre o mundo configurado e o mundo da ação efetiva.

Na *mimesis* III, o leitor é posicionado como o mediador entre a linguagem e o mundo, uma espécie de atravessador, o *passieur* (passante), conforme afirma Ricoeur. Sob influência da Estética da Recepção, desenvolvida na Escola de Constância, na Alemanha, em especial os trabalhos de H. R. Jauss e W. Iser, o filósofo aposta que os efeitos do texto nascem da conjunção entre o “esplendor” da obra e a disposição e interesse do leitor para a leitura, ou interação. Todavia, lembramos que o leitor só acessa o mundo possível da obra, a partir dos seus referenciais. Refigurar, portanto, não se consagra como reprodução do real, porque é a fusão entre o mundo do texto e o mundo do destinatário, influenciada pela implicação histórica do leitor (Ferreira, 1999, p.91).

Observa-se que Ricoeur se vale da noção de horizonte, desenvolvida por Hans-Georg Gadamer em *Verdade e Método* ([1960] 1997) e que muito inspirou os estudos em Estética da Recepção. Nesse quadro, o horizonte do leitor refere-se à *prefiguração*, ou *mimesis* I, e o horizonte da obra é a *configuração*, ou *mimesis* II. A fusão dos dois horizontes, que acontece no ato da leitura, “designada pelo rótulo de *refiguração* ou de *mimesis* III, corresponderia à transformação de uma experiência temporal enriquecida pela mediação narrativa” (Barone, 2013, p.13).

Esse encontro de horizontes também corrobora para repensar o lugar do autor, pois as condições de leitura são diferentes das condições de produção. Essas discussões, instaladas pela estética da recepção e apropriadas por Ricoeur, confirmam e atestam inquietações dos estudos sobre os discursos. Embora o autor não possa confinar o leitor às suas demandas, ele prevê o que Umberto Eco (1987) denominou de leitor modelo e, assim, entram no jogo da construção do sentido os sujeitos internos e externos ao discurso. Ao demonstrar o duplo processo de produção do sentido – a transformação (*configuração*) e a transação (*negociação* entre os interlocutores), o



círculo hermenêutico traz à luz tanto os sujeitos internos ao discurso ou à intriga, quanto os sujeitos externos, estes últimos sob a égide das condições de produção e reconhecimento, ou seja, marcados pela influência dos contextos.

Se considerarmos que o “processo de transformação é alcançado pela apropriação da língua e o processo de negociação é conduzido pelas situações de comunicação” (Ferreira, 1999, p.92), temos mais um reforço à ideia de que a negociação entre os interlocutores direciona, comanda a configuração. Por esse prisma, relembramos que os contratos de comunicação nascem da relação entre os interlocutores para a construção discursiva, mantendo uma relativa liberdade dessas duas investidas complementares.

3. Considerações finais

O processo de semiotização global do mundo, ou o círculo hermenêutico de Ricoeur, impele-nos a amplificar a relação entre enunciadores e coenunciadores, para além do interior dos discursos. Na tríplice *mímesis*, o círculo semiológico é parte do percurso e refere-se à *mímesis* II, sendo precedido pela *mímesis* I (pré-figuração) e seguido pela *mímesis* III (refiguração). O autor propõe uma teoria do texto, porém em concomitância com uma teoria da ação. Isso implica o reconhecimento do “exílio do signo”⁵, uma vez que a linguagem é marginal à experiência. Mas esse exílio é apenas uma etapa do funcionamento discursivo, que não pode prescindir do extralinguístico.

Estudar o discurso, pelo prisma da tríplice *mímesis*, é acentuar que a configuração deste ou “a mediação simbólica da ação requer uma pré-

5 “De um lado, o signo não é a coisa referenciada. Ele está recolhido em relação ao seu referente e engendra, por esta razão, uma nova ordem que se ordena a uma intertextualidade. De outro lado, o signo designa alguma coisa, e é preciso estar atento a esta segunda função, que intervém como uma compensação no que toca à primeira, caso ela compense o exílio do signo na sua ordem própria [...] O signo realiza um recolhimento em relação às coisas, e a frase regressa a linguagem ao mundo” (Ricoeur, 1995 apud Ferrera, 1999).

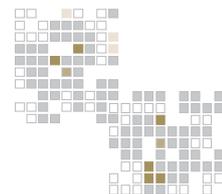
-compreensão do mundo pelo sujeito falante” (Ferreira, 1999, p.84). Para Ricoeur, produzimos discursos porque as ações são “quase textos”. A chamada *mímesis* I põe em relevo os enunciadore nos contextos (situacional, institucional e social-macro), destacando, pois, as condições de produção. Nesse estágio, a semiologia é convidada a dialogar com as análises de cunho sociológico e antropológico, a fim de contemplar o enunciador (no) diante do mundo e do co-enunciador. A hermenêutica de Ricoeur faz com que textos sejam paradigmas para a ação e ações se tornem uma espécie de referente para toda uma categoria de textos (Ferreira, 1999, p.93)⁶.

Na *mímesis* II, a configuração, essa faculdade da linguagem de dar forma ao mundo, à ação, constitui uma imitação criativa⁷, unindo elementos extradiscursivos e intradiscursivos. Numa dupla dinâmica, a configuração, internamente, tece a relação dos sujeitos discursivos (objeto de estudo da semiologia); e, externamente, tem a capacidade de apreensão das coisas e projeção *fora de* (Ferreira, 1999, p.87). Aqui, a configuração atende ao que Ricoeur (1991) reconhece como uma imperiosa demanda de sentido, uma exigência de ordenamento do mundo prefigurado. No último vetor das três *mímesis*, há o encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor. A *mímesis* III⁸ incide em todo o círculo, instaurando a semiose ilimitada. Assim, podemos propor as seguintes categorias de análise para o discurso social, a partir da articulação entre AD e hermenêutica de Ricoeur:

6 Ver mais em: RICOEUR, Paul. Du texte à l'action. Paris, Editions du Seuil, 1986.

7 Vale relembrar que o termo *mímesis* (mimese em português), na Poética de Aristóteles, não representa a cópia, como se poderia inferir a partir da etimologia do termo (*mimoi* = imitação), mas guarda uma dimensão criadora/criativa, da representação.

8 A refiguração é identificada como hermenêutica porque é a tentativa de resposta interpretativa aos sentidos inscritos no mundo configurado através dos textos (Charaudeau, 2005, 2012).



**Figura 2 – Apontamentos para análise do Discurso Social.
Articulação entre Hermenêutica de Ricoeur e AD**

Apontamentos para análise do Discurso Social Articulação entre Hermenêutica de Ricoeur e AD	
<p><i>Mimesis I</i> – pré-figuração Condições de produção</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Estruturas inteligíveis, mediações simbólicas e temporais ancoram a produção discursiva, permitindo a delimitação dos contextos social amplo, institucional e situacional, nos quais atuam os agentes do processo comunicativo, mediante finalidades específicas. – O discurso produz sentido dentro de uma situação de comunicação. – O interesse social do discurso está à mercê das condições de troca entre os interlocutores. – Das trocas nascem os contratos e a necessidade de entender as reproduções sociais dos parceiros envolvidos no acordo. – A <i>mimesis I</i> acomoda a análise de algumas preocupações do contrato comunicativo, como identidade dos parceiros, finalidade da troca, aspectos da construção social do acontecimento e restrições do dispositivo.
<p><i>Mimesis II</i> – Configuração O produto (discurso)</p>	<ul style="list-style-type: none"> – A configuração é extraída da sucessão. – Eventos são transformados em histórias contadas, por meio da passagem do paradigmático ao sintagmático. – A narrativa engendra aspectos temporais próprios. – Na configuração, nascem os paradigmas, os tipos são diversificados, os gêneros remodelados ou instituídos, as formas testadas. – O jogo entre inovação, tradição e sedimentação é constituinte do configurar.
<p><i>Mimesis III</i> – Reconfiguração Condições de reconhecimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> – A fusão entre o mundo do texto e o mundo do destinatário. – O horizonte do leitor refere-se à <i>prefiguração</i> ou <i>mimesis I</i>, e o horizonte da obra é <i>configuração</i> ou <i>mimesis II</i>. A fusão dos dois horizontes acontece no ato de leitura (<i>mimesis III</i>). – O jogo da produção do sentido envolve os sujeitos internos e externos aos discurso.

O círculo hermenêutico, ao evidenciar os processos de transformação e transação, revela tanto os sujeitos no interior do discurso quanto os sujeitos externos à tessitura da intriga, os sujeitos historicamente determinados, que estão em relação nas situações de comunicação. Ressalta, assim, o aspecto da reciprocidade e liberdade relativa entre as instâncias de produção e reconhecimento. Os dois polos mantêm uma liberdade relativa, mas não uma autonomia. Eis, então, a justificativa para a escolha deste aporte metodológico: “As três *mímesis*, que edificam o círculo hermenêutico de Ricoeur, nos ajudam a melhor apreender as tramas de uma semiotização global, em que os sujeitos posicionados no interior e fora do discurso são plenos de sentido para entendermos as estratégias adotadas para produzir e reconhecer discurso” (Ferreira, 1999, p.93).

No livro *La Semiosis Social 2 – Ideas, Momentos, Interpretantes*, publicado em 2013⁹, Eliseo Verón, em diálogo com Culioli (2010), pondera que as relações do discurso com suas condições de produção, por um lado, e condições de reconhecimento, por outro, “supõem processos cognitivos que não são inacessíveis e que remetem, por definição, a regulações (linguísticas e não linguísticas) entre os atores, articulados a múltiplas redes institucionais”¹⁰ (Verón, 2013, p.118).

9 Verón, Eliseo. *La semiosis social 2. Ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós; Planeta, 2013.

10 Tradução nossa para: “Las relaciones de un tipo de discursividad con sus condiciones de producción, por un lado, y con sus condiciones de reconocimiento, por otro lado, suponen procesos cognitivos que nos son inaccesibles y que además reenvían, por definición, a

O semiólogo lembra que o caminho possível para trabalhar os discursos é, em primeiro lugar, reconhecê-los como objetos históricos e, portanto, conviver com a constatação de que a abordagem será sempre incompleta. No discurso, faz-se necessário identificar e “conceitualizar as configurações dos vestígios deixados pelas operações cognitivas, as quais teremos que postular na forma de gramáticas discursivas, incompletas e fragmentárias”¹¹ (Verón, 2013, p.118).

Nesse âmbito, a atenção não se atém ao enunciado, mas à enunciação e suas implicações. Trata-se “de estudar não somente os sinais, nem os discursos, mas os processos de produção, circulação e consumo da comunicação” (Alsina, 2009, p.22). Afinal de contas, o objeto sociodiscursivo é “historicamente atravessado por fatores espaciais, temporais, institucionais e políticos”. (Sodré, 2009, p.26), seu estudo sempre remete a aspectos extratextuais. Analisar discursos é, pois, não perder de vista dois aspectos: o social, evitando a ilusão da unidade da consciência subjetiva, e a complexidade dinâmica da semiose, que não cabe nas perspectivas calcadas em estruturas e sistemas (Verón, 2013).

regulaciones (lingüísticas y no lingüísticas) entre los actores, articulados a múltiples redes institucionales”.

11 Tradução nossa para: “Para trabajar con los objetos discursivos, no tenemos otro camino que el de conceptualizar e identificar las configuraciones de huellas que, en el discurso, han dejado operaciones cognitivas que tendremos que postular bajo la forma de gramáticas discursivas, incompletas y necesariamente fragmentarias, porque se trata de objetos históricos”.

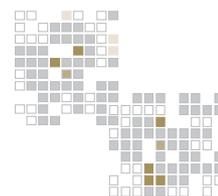
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Trad. Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (Clássicos da Comunicação).

BARONI, Raphaël. Aquilo que a intriga acrescenta ao tempo, uma releitura crítica de Tempo e Narrativa de Paul Ricoeur. *Poétique*, 20/10/3, no 163, p.361-382. DOI 10.3917.

Trad. autorizada do artigo Ce que L'intrigue ajoute au Temps: une relecture critique de Temps et Récit de Paul Ricoeur. *Contracampo*. v. 27. n. 2, ago/2010, p.10-34.

CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours d'information médiatique*. Paris: Nathan, 1997.



- CHARAUDEAU, Patrick. El discurso de la información. Barcelona: Gedisa, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. 2. ed., 1a reimpr. Trad. Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. Sur l'événement médiatique, 2013. Réaction à la journée du LCP: 'La démocratie technique à l'épreuve de l'événement dramatique. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Sur-l-evenement-mediatique.html>> Acesso em: mai. 2014.
- Culioli, antoine. Escritos. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2010.
- ECO, Umberto. Lector in Fabula. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FERREIRA, Giovandro Marcus. Do círculo semiológico ao círculo hermenêutico: contribuições de Paul Ricoeur à análise de discurso. Interface, Ano III, No 5, Vitória - ES, 1999.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOFFMAN, Erving. Frame analysis: an essay on the organization of experience. Cambridge: Harvard University, 1974.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: JAUSS, Hans Robert et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coord. e Trad. Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a. p.67-84.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poesis, aisthesis e katharsis. In: JAUSS, Hans Robert et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coordenação e Trad. Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b. p.85-104.
- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. O Jornal: da forma ao sentido. 3. ed. Amp. Brasília: Ed. UnB, 2012.
- QUÉRÉ, Louis. Les formes de l'événement. In: Ballardini, E; PEDERZOLI, S.; Reboul -Touré, S; TRÉGUER-FELTER, G. (Éds). Les facettes de l'événement: des formes aux signes, mediAzioni 15. 2013. Disponível em: <<http://mediazioni.sitlec.unibo.it>>. Acesso em: fev. 2014.
- RICOEUR, Paul. Do texto à ação. Porto: Rés Editora, 1989
- RICOEUR, Paul. Raisons pratiques. L'événement em perspective. Paris: Ehes, 1991.
- RICOEUR, Paul. Discours et communication. Paris: L'Hermès, 2005.
- RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. A intriga e a narrativa histórica. Tomo 1. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. A configuração do tempo na narrativa de ficção. Tomo 2. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.
- RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. O tempo narrado. Tomo 3. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAUQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993. p.27-33.
- SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. Revista Diálogos de la Comunicación, n. 48, Lima: Felafacs, 1997.
- VERON, Eliseo. La semiosis sociale. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.
- VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. Trad. Vanise Dresch São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.
- VERÓN, Eliseo. La semiosis social, 2. Ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires, Paidós. Planeta, 2013.
- ZECHETTO, Victorino (Coord), Seis Semiólogos en busca del lector. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

Recebimento: 29/05/18
Aprovação: 26/06/18